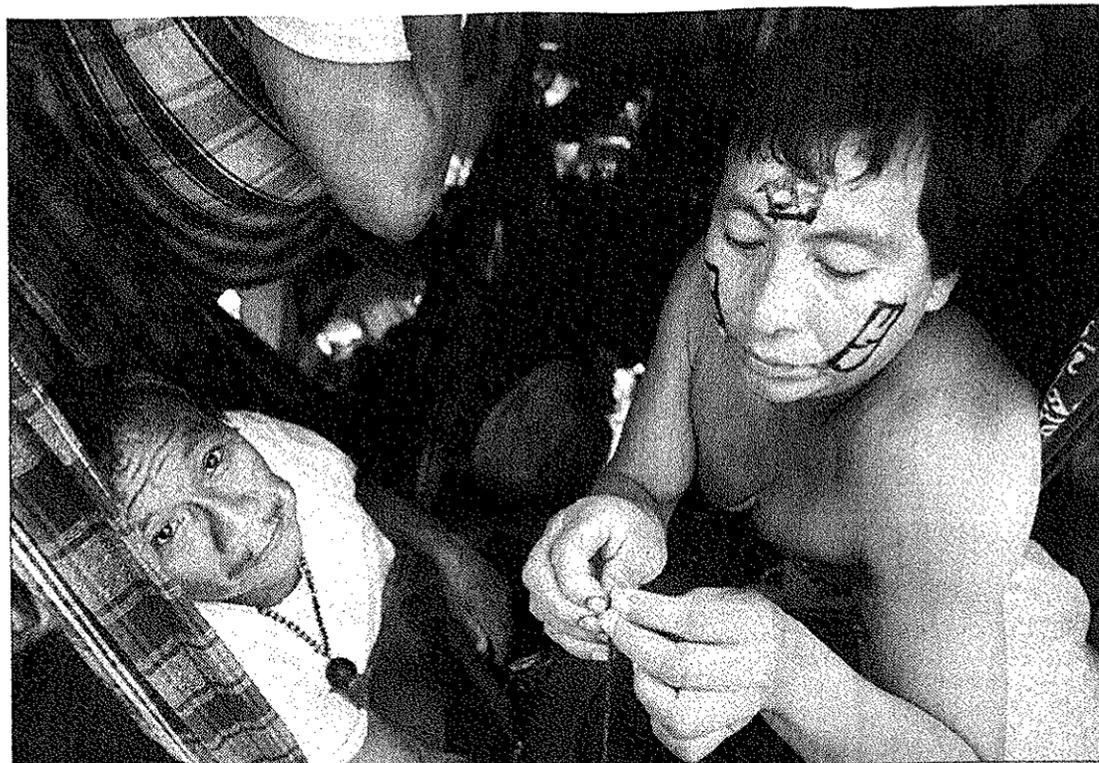


1				
			200	



Depois do confronto com a PM na Bahia, índios descansam no barco na volta para casa

Tembés ameaçam pegar em armas para retirar invasores

Os índios da região do Alto Turiaçu, divisa noroeste de Pará e Maranhão, preparam uma ação ofensiva para expulsar os invasores de suas reservas. A ação terá o apoio de todas os caciques do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. "Morrerão madeireiros, índios e sem-terra", avisou Sérgio Tembé, uma das principais lideranças indígenas na área. Segundo ele, "se o Governo não tomar uma providência para expulsar os invasores, nós mesmos faremos isso".

Sergio Tembé destaca que a intenção é unir todas as etnias brasileiras para impedir o avanço de invasores em terras indígenas em qualquer parte do País. "Vamos fazer um grupo só e até pegar em armas se for necessário".

O líder indígena afirma que esse compromisso de união foi a princi-

pal decisão do movimento pelos índios durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. "Reunimos todas as etnias nacionais, gente que nem se conhecia e passaremos a adotar um trabalho único para todos".

Fora isso, os eventos dos 500 anos só serviram, segundo ele, para demonstrar que a postura do Governo Federal é bem clara em relação à política indígena. "Se tínhamos alguma dúvida, ela acabou agora, debaixo de bombas e cassetetes". O alerta que foi dado a Sérgio Tembé, inclusive pelo diretor da Fundação Nacional de Saúde, Manoel da Luz, é de que, a partir de agora, todos os que tiverem um comprometimento com a questão indígena serão afastados dos altos escalões de órgãos, secretarias e entidades oficiais que

convivem com os índios.

Ainda frustrado por não ter conseguido encaminhar nenhuma das reivindicações formuladas pelos índios em Porto Seguro, Sérgio Tembé lamenta que "uma caminhada pacífica foi impedida por seguranças". "Não conseguimos falar com ninguém, de Coroa Vermelha até Porto Seguro".

Foi após essa frustração inicial que os índios decidiram unificar toda a organização indígena. "Vamos unir forças e fazer alguma coisa. A gente tem que mostrar nossa realidade".

A realidade hoje é violenta, segundo avaliação do cacique kaapó Petronio. O problema maior é na região do Alto Turiaçu, onde vivem cerca de 1.300 índios. "As invasões estão chegando cada vez mais perto. Vai acontecer conflito", avisa.

Humor e descontração na volta para casa

Rio de Janeiro

Enquanto aguardavam o momento de fazer a manifestação e depois voltar para suas aldeias, os índios passavam o tempo da forma que podiam, no navio ancorado no porto da CDP. Diversas etnias estavam representadas, na profusão de redes entrelaçadas no navio.

Entre eles, Alexandre, um ianomami que foi ferido com estilhaços de bomba, durante a manifestação em Porto Seguro.

Ou os primos Ricardo, 17 anos

e Edna, 25, ambos Marubo. Ele, vascaíno, ironizava a prima, flamenguista, pela vitória do Vasco no último domingo.

Na rede ao lado, Cipriano Chagas, um baré, observava a sequência de fotos que iam sendo tiradas e perguntava qual o destino delas.

Américo Cruz Arena, um kuru-bu, tribo que fica na fronteira amazônica com o Peru, também fora ferido em Porto Seguro, mas mantém o bom humor.

O cacique Manoel Kaywana, da tribo hexkaryana, de Pinhamundá, no Amazonas, cortava o cabelo ao sol de quase meio-dia. Perto dele, quatro índios jogavam dominó.

O conselheiro geral dos ticuna, Pedro Pinheiro, falava ao celular, enquanto Severino, da tribo macuxi, de Boa Vista Roraima, queria informações sobre como conseguir um filme fotográfico para sua máquina. "É para levar para a aldeia", justificava.

FNS admite que malária está fora de controle

A malária está saindo do controle no Estado. A avaliação é feita pelo diretor-presidente da Fundação Nacional de Saúde (FNS) Manoel da Luz. "Estamos perdendo o controle da doença", disse ele, durante uma reunião com lideranças indígenas ontem pela manhã, na sede da Funai em Belém.

Segundo ele, a malária está-se alastrando por todo o Estado de forma assustadora. Um dos motivos,

esclareceu, é que foram extintos os agentes da Sucam. "Eles costumavam ir a qualquer lugar, por mais distante e inacessível que fosse".

Manoel da Luz esquiu-se, no entanto, de fazer comentários a respeito da situação em alguns municípios do noroeste paraense, como Nova Esperança do Piriá, Paragominas, Garrafão do Norte e Capitão Poço.

Isso porque as ações de prevenção e tratamento da doença estão

agora desmembradas em um novo órgão, a FNS. A antiga Fundação Nacional de Saúde volta-se agora a um trabalho mais efetivo nas aldeias indígenas.

"Lá, embora existam casos esporádicos, a situação está sob controle", garante. O indigenista Francisco Potiguara, da Funai, concorda. "Temos casos de malária, sim, mas dentro de um índice que pode ser considerado normal", diz Potiguara.

Documento apresenta exigências indígenas

Um documento com 20 reivindicações foi elaborado pelos índios para ser entregue ao presidente Fernando Henrique Cardoso. O documento foi o resultado final da Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil.

No documento, os índios querem o cumprimento dos direitos garantidos na Constituição Federal. Entre esses direitos, estão a demarcação e regularização de todas as terras indígenas, a de-

volução dos territórios reivindicados pelos diversos povos indígenas, ampliação dos limites das áreas indígenas e proteção contra a invasão dos territórios dos povos isolados.

Uma das preocupações é o respeito ao direito de usufruto exclusivo dos recursos naturais contidos nas áreas indígenas, com atenção especial à biopirataria e a paralisação imediata da construção de hidrelétricas, hidrovias, ferrovias e

rodovias em andamento e indenização pelos danos causados pelos projetos já realizados.

Entre as reivindicações, há acusações graves como o pedido de punição aos responsáveis pela esterilização criminosa de mulheres indígenas.

Os índios querem também que o presidente da Funai seja eleito pelos povos indígenas com indicação das diferentes regiões do Brasil.

Manifestação repudia a violência policial

Uma manifestação na praça Waldemar Henrique marcou a semana de protestos dos índios da região amazônica em Belém. A manifestação reuniu cerca de 300 índios das mais diversas tribos e etnias, chamando a atenção para as reivindicações dos povos indígenas. Na ocasião, os índios divulgaram uma nota de repúdio ao tratamento recebido em Porto Seguro por setores ligados ao Governo Federal.

Com pinturas no rosto, pequenos tambores, arcos e flechas, máquinas fotográficas e filmadoras, os índios saíram em caminhada, do porto da CDP até a Praça Waldemar Henrique, às 16h.

Apesar da intenção de protes-

tar, o clima era de bom humor. Cânticos eram entoados nas ruas, chamando a atenção dos transeuntes.

Na praça, foi estendida uma faixa, exigindo terra e dignidade aos povos indígenas. Em seguida, cada tribo fez seu próprio ritual de dança. Aos poucos, a praça foi sendo tomada pelos passantes, atraídos pelo ritual exótico.

Sergio Tembé, uma das principais lideranças indígenas, afirmou que a manifestação foi pacífica, mas que as reivindicações por justiça sugerem que é hora de acabar a violência contra os índios.

Na nota divulgada pela Caravana do Norte da Marcha Indígena 2000, as lideranças, compos-

tas por mais de 400 representantes de 60 povos da região, repudiavam a violência recebida no dia 22 de abril. "Na ocasião, fomos agredidos, de forma desrespeitosa e violenta, pela Polícia Militar de Choque, comandada pelo coronel Miller Santana", diz a nota. "Fomos atacados com fortes bombardeios, gases lacrimogêneos, estilhaços de borracha e agressões físicas, muitas crianças e idosos saíram moralmente feridos".

A nota conclui afirmando que foi comprovada a "continuidade do massacre e desrespeito aos povos indígenas e classes populares, iniciado em 1500 com a chegada dos invasores em nossas terras".